

Brasília, 11 de março de 2025.

# **Ativismo online durante a pandemia: uma análise sobre como o movimento anti-negacionismo do twitter conseguiu influenciar a CPI da pandemia.**

**Nathália Cerqueira Lins**

**Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília**

Como citar este relatório: LINS, Nathália (2024). "ATIVISMO ONLINE DURANTE A PANDEMIA: UMA ANÁLISE SOBRE COMO O MOVIMENTO ANTI-NEGACIONISMO DO TWITTER CONSEGUIU INFLUENCIAR A CPI DA PANDEMIA.", Relatório de Pesquisa #19 do Repositório de de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 13 de março, disponível em: <https://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

## Introdução

Esta pesquisa é parte de um esforço analítico mais amplo, no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Relações entre Sociedade e Estado (RESOCIE), que tem entre suas linhas de pesquisa as análises sobre mobilizações, ativismo e participação. O intuito deste artigo é analisar como as mobilizações realizadas por perfis anti-negacionistas nas mídias sociais foram capazes de influenciar diretamente os depoimentos durante a CPI da Pandemia.

Neste projeto, fui responsável por analisar como esses perfis se organizaram no então Twitter e como conseguiram influenciar o debate político sobre o negacionismo promovido pelo ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante os meses em que a crise sanitária mais vitimou pessoas no Brasil. Segundo Greer (2020), a COVID-19 não só criou uma crise pública de saúde, mas também política em muitos países. Por esse motivo, entendemos que o comportamento negacionista foi capaz de retardar o acesso a mecanismos de combate ao vírus, como vacinas e políticas públicas, além de influenciar a percepção pública sobre o assunto.

Por esse motivo, neste artigo serão analisadas as estratégias digitais adotadas por perfis criados durante a pandemia, que, de forma coordenada, conseguiram influenciar parlamentares durante os depoimentos da CPI da Covid-19. Segundo a FGV DAPP (2021), o debate em torno da CPI gerou quase 10,1 milhões de postagens no Twitter, um número expressivo para a plataforma, que foi diversas vezes usada como fonte de provas durante os depoimentos. Os perfis aqui analisados forneceram tuítes, fotos, vídeos e até dossiês próprios a senadores da oposição (O Globo, 2021). A análise nos revelou que os perfis anti-negacionismo se aproximaram de parlamentares e de jornalistas, e atingiram um número relevante de pessoas rapidamente. Identificamos que os perfis ativistas construíram uma rede composta por indivíduos relevantes capazes de influenciar outros indivíduos e com grande alcance. Além disso, notamos que houve um compartilhamento coordenado de publicações acusativas aos envolvidos na CPI da pandemia, bem como de medidas protetivas no contexto da pandemia.

Desde o início da pandemia, ativistas viram a necessidade de ocupar as plataformas de redes sociais, especificamente o Twitter, com contas anti-negacionismo. Para analisar este comportamento, selecionamos 21 contas que surgiram no período da pandemia e se mantiveram ativas com o objetivo de combater o negacionismo pelo menos até dezembro de



2022.

A partir dessa seleção, foi realizada uma análise, por meio do software Gephi, das conversas entre contas dos ativistas digitais durante o ano de 2021, focando especificamente na CPI da Pandemia, que ocorreu entre 13/03/2021 e 26/10/2021. Consideramos em nossa análise os perfis mais ativos em relação às citações diretas, ou seja, menções nas quais eles citaram outros usuários também relevantes, como personalidades políticas, jornalistas e influenciadores.

Figura 1 - Métricas usadas na análise de rede das interações de ativistas digitais

Medidas	Métrica	Descrição
Rede	Grau médio (average degree)	Quantidade média de ligações dos nós da rede.
	Grau de entrada (indegree)	Soma de menções recebidas por um nó.
	Grau de saída (outdegree)	Quantidade média de menções enviadas por um nó.
Ator	Centralidade de autovetor (eigenvector centrality)	Medida da influência de um nó na rede. Indica quão bem os atores estão conectados e o quanto podem influenciar outros atores da rede.

As métricas apresentadas na Figura 1 nos ajudaram a entender a relação entre os perfis centrais e outros usuários relevantes no contexto da CPI da pandemia. É justamente essa relação que vamos discutir neste texto, analisando como esse comportamento articulado contribuiu para uma política ativista de combate ao negacionismo, ao mesmo tempo em que compilavam provas que viriam a influenciar o funcionamento da CPI.



## **As mídias sociais e o ativismo digital na contribuição para a mudança do comportamento político dos usuários**

O comportamento negacionista foi capaz de retardar o acesso a mecanismos de combate ao vírus, como vacinas e políticas públicas, e influenciar a percepção pública sobre o vírus da COVID-19. No âmbito das mídias sociais, o impacto da pandemia também foi sentido. Segundo O Dilema das Redes (2020) as pessoas ficaram mais conectadas, uma vez que as mídias sociais e os aplicativos de mensagens desempenham um papel ativo na vida dos indivíduos, influenciando diretamente comportamentos, criando tendências e moldando opiniões. No ano de 2019, 80% dos brasileiros acreditavam que as mídias sociais influenciavam a opinião das pessoas (SENADO, 2019). Apesar de ser um número anterior à pandemia, acredito que atualmente esse número tenha aumentado consideravelmente.

Um dos fatores importantes quando consideramos o aumento do consumo das mídias sociais é a ascensão do ciberativismo, ou, como vamos chamar aqui, do ativismo digital, quando indivíduos e grupos de interesse movimentam as mídias sociais questionando pautas políticas e desafiando autoridades, realizando um claro método de descentralização política e, conseqüentemente, promovendo o aumento da participação social. A descentralização, aqui, é entendida como um mecanismo para o empoderamento da sociedade civil (DESLANDES, 2018). A era das mídias sociais, então, abre espaço para uma nova forma de participação. As pessoas se conectam e se alinham com grupos de interesse, fazendo com que temas em comum alcancem um mesmo grupo interessado em questão de minutos. Isso facilita, por exemplo, a atuação política a favor ou contra determinada temática, favorecendo a disseminação de ideias e estabelecendo relações poderosas de resistência no ambiente virtual (MORAES, 2001). Nos últimos anos, não faltam registros de mobilizações que começaram nas mídias sociais e alcançaram as ruas.

A interseccionalidade entre o ativismo digital e o ativismo analógico tem sido mais evidente nos últimos 10 anos, promovendo uma maior descentralização política nas redes sociais. Nelas, o público se aproxima dos debates políticos e se articula para se posicionar contra ou a favor de políticas que podem influenciar suas vidas. Um estudo de 2021 da We Are Social revelou que os brasileiros passam, em média, 10 horas por dia online. O Brasil é o segundo país em que as pessoas passam mais tempo na internet, ficando atrás apenas das Filipinas. Assim, é natural que o aumento do consumo das mídias sociais tenha influenciado outros comportamentos dos usuários, inclusive políticos.



Dessa forma, o ativismo digital aumentou o potencial de participação política dos indivíduos. Para Manuel Castells (2012), as mídias sociais contribuem para a organização e criação de movimentos sociais. Além disso, se tornam um campo de batalha entre personalidades que disputam a atenção de potenciais eleitores. O acesso à informação e o mar de ideias que surgem nesse meio podem, de certa forma, afetar a vida política e a opinião sobre governos, temas e pessoas (ALVES, 2016). Essa disponibilidade permite que agrupamentos se formem e movimentos de ciberativismo coexistam com movimentos de ativismo tradicional.

Ainda segundo (Castells, 2012), a comunicação em massa se baseia em redes horizontais de comunicação interativa. Apesar disso, há evidências de que as redes evoluíram com características cada vez mais verticais nos quais pessoas com interesses comuns são agrupadas a partir de grupos de interesse, como em caso de células ativistas. Nestes espaços, é permitido que os usuários se conectem rapidamente uns com os outros, dificultando o controle por parte das autoridades e grupos contrários.

“Os movimentos sociais exercem o contrapoder, construindo-se em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação em massa são amplamente controlados pelo governo e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida.” (2012, 6-7)

Essa facilidade de deliberar é o que permite que diversos movimentos sociais tenham emergido em países como o Brasil, onde é preservado o ambiente de liberdade de expressão. No caso do Brasil, o movimento que surgiu nas mídias sociais e impactou a opinião política dos usuários foi o #VemPraRua, entre junho e julho de 2013, o qual reuniu indivíduos que, inicialmente, não faziam parte de movimentos sociais, mas tinham insatisfações políticas em comum. O movimento trouxe uma mudança no cenário político brasileiro, abrindo espaço para novas formas de participação sociopolítica, utilizando as mídias sociais como uma das principais formas de mobilização (MOREIRA, SANTIAGO, 2013). Esse foi apenas um dos casos de mobilizações que começaram nas mídias sociais e alcançaram as ruas.

A partir da incorporação de mídias sociais em seus repertórios, grupos têm procurado maneiras de se destacar para conseguir a atenção dos cidadãos para suas pautas políticas. Para isso, utilizam estratégias de aproximação com autoridades políticas, influenciadores e a



imprensa, alimentando uma rede de informações sobre determinado tema e aumentando seu alcance. Assim, os movimentos sociais constroem seus próprios espaços em busca de soberania comunicacional, aproximando-se de uma mídia independente (SAGGIORATTO, ZAMIN, 2019), e naturalmente forçando a mídia tradicional, que historicamente serve à estrutura do establishment, a noticiar as reivindicações populares, como foi o caso do #VemPraRua.

Durante a pandemia da COVID-19, perfis foram criados para realizar um novo ativismo digital, com o objetivo claro de combater os discursos negacionistas patrocinados por Jair Bolsonaro, o Presidente da República durante a crise sanitária. O líder do executivo combinava seu negacionismo com o populismo, encorajando seus seguidores fiéis a se exporem ao vírus (Abers e von Bülow, 2022). Esse comportamento contribuiu para um número ainda mais elevado de vítimas, com as “políticas de desinformação” do presidente, que se espalhavam pelas mídias sociais graças aos seus discursos e ao comprometimento de sua base de aliados na disseminação de informações falsas.

Por esse motivo, a oposição ao governo Bolsonaro viu a necessidade de também ocupar o espaço das mídias sociais, adotando uma estratégia de resposta, com uma enxurrada de informações verdadeiras para combater o negacionismo. Assim, o debate se dividiu entre negacionistas e aqueles que viam a pandemia como algo sério (Abers e von Bülow, 2022). Inicialmente, esses usuários se articularam para pressionar autoridades de saúde e validar a importância das medidas restritivas adotadas para evitar o contágio e o agravamento da crise sanitária. Enquanto isso, esses mesmos usuários acumulavam provas contra autoridades políticas e empresas que atuavam no sentido contrário à contenção dos riscos da pandemia.

Ainda com o cenário sanitário instável, iniciaram-se as investigações na CPI da Pandemia, que tinha o intuito de investigar a gestão da pandemia. O foco dos parlamentares era no atraso no fornecimento de vacinas e na demora na adoção de medidas protetivas, o que naturalmente aumentou o número de mortos no Brasil. Como mostraremos a seguir, a rede de perfis anti-negacionismo teve um papel crucial durante os trabalhos da Comissão.



## A cooperação entre autoridades, jornalistas e perfis anti-negacionismo no X no contexto da CPI da Pandemia

Neste processo, observou-se a presença de 9 perfis centrais no debate, destaques na métrica de centralidade de autovetor, como explica a Figura 1. Estes usuários foram responsáveis por disseminar informações para outros usuários. Eles alimentavam o X (Twitter) com estratégias anti-negacionismo, compartilhando publicações de autoridades da saúde ao mesmo tempo em que muniavam autoridades políticas durante a CPI. Foram eles: Tesoureiros, Normose, MedoEDelirioBR, ContagemCorona1, DesmentindoBozo, Bolsoregrets, PFFparaTodos, CamarotedaCPI e **Jair**meArrependi. Esses usuários foram responsáveis por criar uma rede de informações sobre a pandemia, em resposta às publicações negacionistas disseminadas durante a crise sanitária.

Para analisar como foi o processo de articulação desses usuários, utilizou-se o software Gephi para entender o posicionamento deles na rede e os discursos realizados no período. Para chegar aos números da Tabela 1, foram consideradas apenas as publicações realizadas em 2021 que citavam a CPI da Pandemia, considerando citações diretas entre os perfis centrais e outros usuários da rede social.

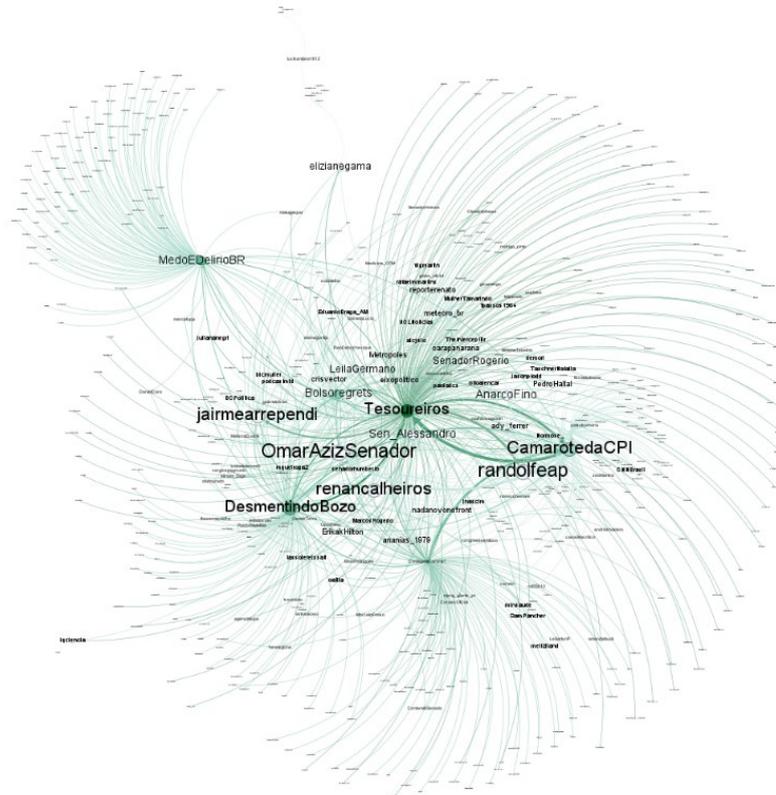
Tabela 1 – Cálculos de métricas de redes do software Gephi

Nós	567
Arestas	787
Grau médio	1,372
Diâmetro de rede	5
Componentes conectados	1

Como visualização inicial, notamos que a rede contou com a presença de autoridades políticas como os Senadores Omar Aziz (604 citações), Randolfe Rodrigues (1.010 citações) e Renan Calheiros (585 citações), sendo esses destaques em grau de entrada, ou seja, os mais citados pelos usuários. Esses senadores desempenharam papéis de destaque na CPI da Pandemia. Vejamos como esses atores estavam posicionados na rede dinâmica:



Imagem 1 – Rede de citações de perfis anti-negacionismo no X (Twitter)



Os perfis centrais citavam diretamente os senadores com o intuito de captar a atenção dos parlamentares e influenciar os trabalhos da comissão ao mesmo tempo em que compartilhavam medidas protetivas sobre a pandemia. No contexto da CPI da Pandemia, os ativistas exigiam a responsabilização das autoridades pelos atos cometidos durante a crise sanitária. Dessa forma, os perfis adotavam a estratégia de questionar e fornecer provas diretamente aos senadores, como se pode observar na nuvem de palavras, que destaca termos como FUNAG e Covaxin.



Imagem 2 – Nuvem de palavras citações diretas feita aos senadores



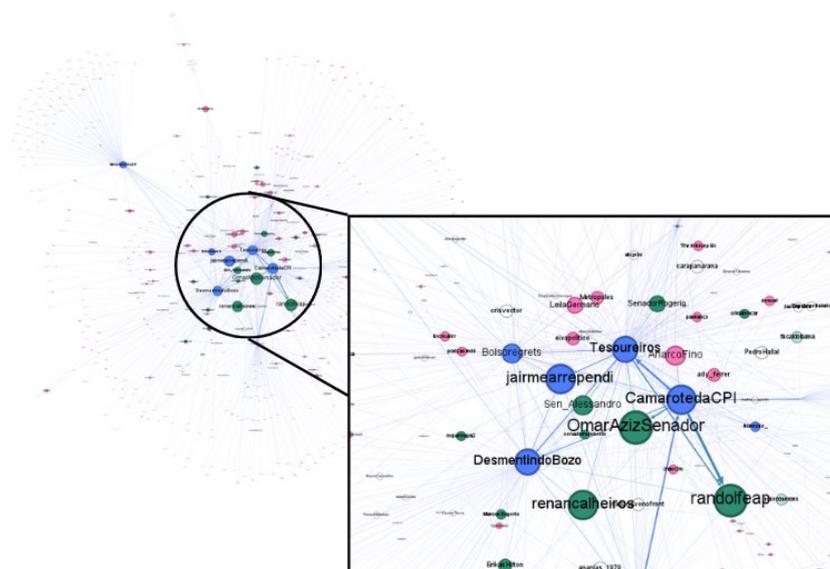
Ao analisarmos o posicionamento dos ativistas em relação aos jornalistas, encontramos mais um padrão importante. Além dos parlamentares, os jornalistas também foram alvo frequente de citações pelos perfis centrais. Na visão aproximada da rede (Imagem 3), podemos observar a presença de pelo menos um jornalista em cada agrupamento da rede, assim como na parte central, próxima aos perfis centrais e às autoridades políticas.

Em verde, estão as autoridades políticas: os senadores Omar Aziz, Randolfe Rodrigues, Renan Calheiros, Alessandro Vieira e Rogério Carvalho. Em azul, aparecem os perfis centrais: JaimeArrependi, Tesoureiros, CamaroteDaCPI, BolsoRegrets e DesmentindoBozo. Já em rosa, estão os jornalistas: @eixopolitico, @leilagermano, @metropoles, @anarcofino e @ady\_ferrer.

O @eixopolítico é um perfil jornalístico criado em junho de 2020 pelo Cientista Político Mateus Oliveira. Entre os jornalistas, ele é quem possui a melhor centralidade de autovetor, ou seja, estava bem conectado com os outros atores da rede e por esse motivo possui um grau de influência maior em comparação aos outros. Em seguida, se destaca um veículo da grande mídia, o @Metrópoles. O @AnarcoFino, no entanto, foi o que mais obteve citações diretas dos ativistas, ao todo, teve em média 6 citações, sendo o mais citado diretamente seguido pela @LeilaGermano com 5.



Imagem 3 – Rede aproximada, destacando vínculos entre ativistas digitais, jornalistas e políticos



Fonte: base de dados de mensagens coletadas via API do Twitter

A centralidade desses perfis, em conjunto, gerou um efeito cascata na estrutura do debate sobre a CPI da Pandemia no X (Twitter). Os perfis centrais alimentavam a rede com informações que eram reproduzidas por jornalistas e, ao mesmo tempo, encaminhadas aos parlamentares durante os julgamentos. Essa proximidade com jornalistas demonstra que, apesar de as mídias sociais permitirem que pessoas comuns disseminem mensagens rapidamente, a mídia tradicional ainda desempenha um papel importante para ampliar o alcance das reivindicações, especialmente em contextos políticos delicados, como o debate sobre a pandemia. A estratégia adotada pelos ativistas visava também impactar o discurso público, já que, até aquele momento da pandemia, as mídias sociais estavam amplamente dominadas pelo discurso negacionista. E, definitivamente, este pode não ter sido um dos objetivos dos ativistas, mas eles conseguiram ampliar esse debate nas mídias e influenciar pessoas que estavam sendo conduzidas por narrativas negacionistas, colocando suas vidas em risco.

Andrew Chadwick (2013) argumenta que a integração entre mídias digitais e tradicionais gera um sistema híbrido, no qual ambas se complementam, unificando diferentes públicos em uma única rede. Com essa integração, as redes se tornam também um ambiente de disputa entre autoridades. No caso da CPI da pandemia, por exemplo, as redes sociais foram

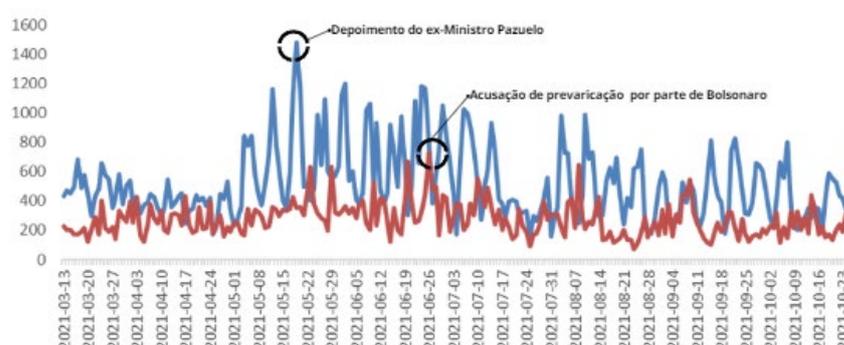


ocupadas e articuladas por diversos grupos, como os perfis de oposição ao governo Bolsonaro.

De acordo com uma matéria jornalística do O Globo (2021), os perfis de oposição ao governo Bolsonaro ganharam destaque na internet ao auxiliarem os senadores durante os depoimentos. Para alcançar esse nível de visibilidade, segundo o jornal, os perfis ocuparam espaços nas mídias sociais que antes eram dominados por bolsonaristas, os quais ditavam o tom dos debates na plataforma. Na mesma reportagem, O Globo revelou que esses perfis se articulavam entre si, dividindo turnos e organizando previamente o conteúdo para municiar ainda mais os senadores e manter a população bem-informada.

Toda essa movimentação foi significativa: apenas durante o período da CPI, os perfis geraram juntos mais de 100 mil publicações, com uma média de 277 interações por postagem. Os perfis que mais produziram conteúdo foram: Camarote da CPI (23.428), PFF para Todos (16.766), Contagem Corona (14.406) e Medo e Delírio BR (12.095). A maior produção de conteúdo pelos ativistas ocorreu durante o depoimento do ex-ministro Eduardo Pazuello, no dia 19/05/2021, enquanto o dia de maior engajamento foi registrado no dia da acusação de prevaricação contra o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Gráfico 1 – Média de engajamento versus publicações diárias dos perfis centrais



Com essa publicação em massa e a articulação, os perfis centrais conseguiram influenciar não apenas os senadores, mas também a opinião pública. Ao se aproximarem dos profissionais da imprensa, esses perfis atingiram milhares de seguidores na plataforma X, e alguns continuam ativos até hoje.



## Considerações Finais

Este artigo mostrou que um conjunto de perfis anti-negacionistas do X (Twitter) — Tesoureiros, Normose, MedoEDelirio, ComtagemCorona1, DesmentindoBozo, Bolsoregrets, PFFparaTodos, CamarotedaCPI e JairmeArrependi — foram atores importantes no debate sobre a pandemia da COVID-19. Cada um deles desempenhou um papel significativo nesse processo e influenciou, à sua maneira, os senadores que participaram da CPI da pandemia.

Essa influência foi possível devido à articulação realizada entre eles, que se aproximaram da imprensa e dos parlamentares durante a construção da defesa contra o negacionismo. O comportamento desses perfis se soma a um histórico de impactos do ativismo digital na vida das pessoas no Brasil. O relatório final da CPI foi aprovado no dia 26 de outubro de 2021, e nele foi recomendada a responsabilização do ex-presidente Jair Bolsonaro, de seus filhos Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro, de duas empresas (Precisa Medicamentos e VTCLog) e de mais 74 pessoas, incluindo deputados, empresários, jornalistas, médicos, servidores públicos e ex-ministros (SENADO, 2021). Este é um caso emblemático na história do Brasil, que demonstra, acima de tudo, a força das instituições brasileiras em defender os interesses da população e combater as fakes news.



## Referências Bibliográficas

ALVES, M. F. A revolução da internet e das redes sociais à luz da política brasileira: uma real presença virtual. In: 9 jornadas de pesquisa e 8 jornada de extensão do curso de direito da FAMES. Faculdade Metodista Centenário, 2016, p.1-15. Disponível em: <http://metodistacentenario.com.br/jornada-de-direito/edicoes-anteriores/9a-jornada-de-pesquisa-e-8a-jornada-em-extensao-do-curso-de-direito/artigos/o-direito-a-privacidade-na-sociedade-da-informacao/e5-04.pdf>

CANCIAN, A.; FALCÃO, P.; MALINI, F. Ciberativismo e Manifestações Sociais: O #vemprarua no Brasil. Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade Tuiuti do Paraná, 2013. Disponível em: [https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo\\_4\\_Politica\\_%20Inclusao\\_Digital\\_e\\_Ciberativismo/ciberativismo\\_e\\_manifestacoes\\_sociais\\_o\\_vemprarua\\_no\\_brasil.pdf](https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_4_Politica_%20Inclusao_Digital_e_Ciberativismo/ciberativismo_e_manifestacoes_sociais_o_vemprarua_no_brasil.pdf)

CASTELLS, M. Communication Power. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Castells M. Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar; 2013.

Chadwick, Andrew, The Hybrid Media System: Politics and Power, 2nd edn, Oxford Studies in Digital Politics (New York, 2017; online edn, Oxford Academic, 24 Aug. 2017), <https://doi.org/10.1093/oso/9780190696726.001.0001>, Acesso em: 23 Oct. 2024.

CONGRESSO EM FOCO. Base do governo impulsiona Twitter e menções sobre CPI chegam a 10 milhões. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/mencoes-cpi-twitter/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

DESLANDES, Suely Ferreira. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. Ciência & Saúde Coletiva, [S. l.], v. 23, n. 10, p. 3133-3136, 1 out. 2018. DOI DOI.org (Crossref). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232018001003133&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018001003133&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 8 out. 2024.

GREER, S. L.; KING, E. J.; DA FONSECA, E. M.; PERALTA-SANTOS, A. The comparative politics of COVID-19: The need to understand government responses. Global Public Health, 2020. DOI: 10.1080/17441692.2020.1783340.

INSTITUCIONAL DATASENADO. Mais de 80% dos brasileiros acreditam que redes sociais influenciam muito a opinião das pessoas. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinioao-das-pessoas>. Acesso em: 11 set. 2024.

JORNAL O GLOBO. Nos bastidores da CPI da Covid, perfis de oposição ganham espaço na internet ao ajudar senadores em depoimentos. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/nos-bastidores-da-cpi-da-covid-perfis-de-oposicao-ganham-espaco-na-internet-ao-ajudar-senadores-em-depoimentos.html>. Acesso em: 04 jul. 2023.



MORAES, D. O ativismo digital. Bocc, 2001, P. 1-14. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pesquisa?type=query&value=aTIVISMO%20DIGITAL%20>

MOREIRA, O.; SANTIAGO, I. Jornadas de Junho: Repercussões e Leituras: Vem pra rua: os protestos de junho, 2013. Campina Grande: EDUEPB, 2013. 107p. Disponível em: <https://eduepb.uepb.edu.br/download/jornadas-de-junho-repercussoes-e-leituras/> Acesso em: 07 set. 2024.

PORTAL DO BUTANTAN. O que é negacionismo e por que ele atrasa a evolução do conhecimento; ciência avança com dúvida e questionamento, não com negação. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/o-que-e-negacionismo-e-por-que-ele-atrasa-a-evolucao-do-conhecimento--ciencia-avanca-com-duvida-e-questionamento-nao-com-negacao>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SAGGIORATTO, J.; ZAMIN, A. Sobre jornalistas-militantes: formação, participação e jornalismo em movimentos sociais. Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/2453>. Acesso em: 25 jul. 2024

VON BÜLOW, M.; ABERS, R. N. Denialism and Populism: Two Sides of a Coin in Jair Bolsonaro's Brazil. Government and Opposition, 2022, p. 1-19. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/gov.2022.14>.

WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE. Digital 2021 [Resumo e Relatório Completo]. Disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo#:~:text=Brasileiros%2C%20colombianos%20e%20sul%2Dafricanos,horas%20e%20meia%20por%20dia>. Acesso em: 25 jul. 2024.

